

Apresentação

Sérgio Vicente Motta
Susanna Busato
(orgs.)

SciELO Books / SciELO Livros / SciELO Libros

MOTTA, SV., and BUSATO, S., orgs. *Fragmentos do contemporâneo: leituras* [online]. São Paulo: Editora UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2009. 172 p. ISBN 978-85-7983-005-1. Available from SciELO Books <<http://books.scielo.org>>.



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a Creative Commons Attribution-Non Commercial-ShareAlike 3.0 Unported.

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença Creative Commons Atribuição - Uso Não Comercial - Partilha nos Mesmos Termos 3.0 Não adaptada.

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia Creative Commons Reconocimiento-NoComercial-CompartirIgual 3.0 Unported.

APRESENTAÇÃO

Fragmentos do contemporâneo: leituras reúne textos de professores do Programa de Pós-Graduação em Letras do Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas (Ibilce), da Universidade Estadual Paulista “Julio de Mesquita Filho” (Unesp), campus de São José do Rio Preto, que refletem uma parte da produção recente das suas quatro linhas de pesquisa: “Perspectivas Teóricas no Estudo da Literatura”, “História, Cultura e Literatura”, “Imagem, Música e Texto Literário” e “Poéticas da Identidade”.

Tendo por alvo o estudo de autores e textos contemporâneos, na prosa ou na poesia, nacionais e internacionais, o objetivo do livro é apontar reflexões da produção literária em curso e modos de leitura que procuram compreender a complexidade dos roteiros que articulam essa grande manifestação. Diante dessa realidade dispersa e dinâmica, uma diversidade de olhares é um modo de fragmentá-la e fazer dos fragmentos peças indicativas de sentidos possíveis que arquitetam esse grande mosaico. Da mesma maneira, a crítica tem que se aproximar desse desafio no seu papel de tentar iluminar e organizar a profusão de fragmentos. Para isso, ela precisa rever o seu próprio discurso e multiplicar os olhares diante de um corpo tão vasto e refratário às categorizações analíticas.

Como um modo de resposta a essa realidade, propomos começar a recortar o painel do contemporâneo com alguns olhares para os fragmentos que no momento nos instigam. O primeiro texto, “Poesia em trânsito: rotas e endereços do labirinto do poema contemporâneo”, de Susanna Busato, busca refletir sobre a natureza da poesia contemporânea por meio do olhar que o sujeito agora adere ao espaço urbano. A partir dele constrói a figura do intervalo como o espaço rompido por um dizer fraturado, que emerge na poesia como imagem. O olhar, por meio desse movimento, encena um naufrágio, isto é, performatiza na semântica das imagens a figura do labirinto para resgatar no plano formal a reflexão crítica, tornando-a linguagem. É assim que nessa busca pelas rotas e endereços do labirinto da poesia contemporânea, o artigo irá destacar o elemento do transitório como a imagem de um roteiro de busca, de uma viagem elíptica, que irá encontrar seu espaço na sintaxe do verso, em que a fragmentação, a hesitação, o uso da repetição ou, ainda, o processo imagético de evidenciar na palavra o sentido do vazio ou do processo de desumanização serão elementos que evidenciarão formalmente nessa poesia o deslocamento do sujeito da sua condição heroica para a de engrenagem que movimentava a máquina do mundo e reflete sobre o estado de submissão a ela.

O ensaio, “Como beber desse *Leite derramado*”, de Sérgio Vicente Motta, faz uma leitura do novo romance de Chico Buarque, procurando demonstrar como a metáfora do título, o casamento do narrador-protagonista, representante da elite brasileira, com uma descendente negra, desencadeia a derrocada da família, cuja genealogia retrata, com ironia e humor, um fundo histórico de nossa formação. A partir desse quadro, com base em um mecanismo dialético, o texto reconstrói uma estrutura social triangular, em que a síntese do confronto entre a elite e as vítimas de seu poder gera a figura do “malandro” e, ao mesmo tempo, em uma inversão irônica, a do malandro enganado. Situando-se nessa terceira margem de uma estrutura social desigual, o foco da análise, seguindo as pistas do preconceito e do ciúme, além de considerar aspectos da narração e linguagem, reencontra traços de personagens e obras de Machado de Assis.

Arnaldo Franco Junior, em “Dalton Trevisan e Valêncio Xavier: repetição, montagem como problematização da autoria”, aborda as relações entre produção textual, intertextualidade e autoria. Sob as formas da repetição ou da colagem, as obras desses autores tematizam o efeito “autor” por meio de um questionamento do novo e da originalidade. Na contística de Trevisan, refeita e condensada a cada nova publicação de seus livros, a intertextualidade compreende a autotextualidade, projetando, numa obra legível como *work in progress* presidida pela repetição como procedimento de reescrita, um questionamento das ideias de autoria, originalidade, novo. Já na obra de Xavier, que articula texto e imagem gráfica (fotografia, desenho, reprodução de fragmentos de jornais e de anúncios etc.), a colagem, a montagem e a citação produzem uma “fantasmaticização” da autoria e, como na obra de Trevisan, questionam valores estéticos e ideológicos modernos/modernistas.

O texto “A escrita-corpo e o corpo da escrita em Llansol”, de Sônia Helena de O. Raymundo Piteri, é um convite de leitura à obra de Maria Gabriela Llansol, uma autora portuguesa ainda pouco conhecida no Brasil e no exterior. Convite estimulado por uma escrita em gestação, que se propaga em uma linguagem corporal que se contorce em frases fugidias de onde escorrem palavras que vibram ao toque sensualizado da folha de papel. Escrita que grita em seus dobramentos sonoros, nas imagens arrebatadoras, nas construções insólitas, escrita, enfim, que acentua o funcionamento erótico da linguagem, que caminha dentro de si própria.

O ensaio de Maria Heloísa Martins Dias, “Memórias/vozes entrecruzadas no discurso ficcional de Antonio Lobo Antunes”, traz o discurso literário desse autor português contemporâneo naquilo que ele realiza como aguda consciência a flagrar os reflexos entre o discurso literário e o universo cultural, especialmente o de uma sociedade que deve ser redimensionada em suas bases estruturais. O romance *O manual dos inquisidores*, de 1996, inscreve-se nesse propósito, constituindo, juntamente com outros do autor, um ciclo de narrativas que têm como alvo crítico as instâncias de poder em Portugal. A inusitada estratégia de composição da narrativa quanto às

vozes e imagens entretecidas em sua trama possibilita ao discurso de Lobo Antunes uma singular forma de intervenção. O propósito do ensaio aqui é mostrar como isso se realiza no romance citado, por meio de um olhar analítico voltado ao primeiro capítulo “Segundo relato (*A magia dos objetos inanimados*)”, o qual espelha a própria estrutura do romance em seu todo. Ao desmascarar com um estilo ácido e lúcido as representações autoritárias de seu país, Lobo Antunes contribui para a (re)escrita de uma história que se despoja dos mitos e figuras tutelares para assumir outra forma identitária.

Em seu texto “Visões do 11 de Setembro em Don DeLillo”, Gisèle Manganeli Fernandes analisa a obra *Falling Man* (2007), a fim de apresentar as formas pelas quais o autor americano examina algumas possíveis causas para a tragédia ocorrida em 11 de setembro de 2001 e investigar como a ficção pós-moderna reavalia o passado, problematizando a existência de uma única verdade na abordagem de um evento histórico. Em *Falling Man*, DeLillo mostra a contínua oposição “Nós/Eles” existente nos Estados Unidos. De um lado, há o capital e o trabalho; de outro, há “um punhado de homens dispostos a morrer”. O romance é permeado pela presença significativa do Homem em Queda, personagem ligado às imagens aterrorizantes das pessoas que, em desespero, jogaram-se das janelas do World Trade Center no dia dos ataques terroristas. O texto contempla também uma discussão a respeito de como Don DeLillo focaliza a catástrofe em termos políticos, sociais e religiosos.

Diva Cardoso de Camargo, em “O estilo do autor em *Viva o povo brasileiro* e do autotradutor em *An invincible memory*”, apresenta resultados de um estudo sobre o padrão estilístico próprio, distintivo e preferencial do autotradutor João Ubaldo Ribeiro em *An invincible memory* com relação ao seu estilo como autor em *Viva o povo brasileiro*. A autora contempla a noção de estilo defendida por Baker, e também analisa tendências observadas na autotradução, referentes a traços identificados como características de normalização, os quais revelam opções utilizadas por Ubaldo Ribeiro para reproduzir todo um contexto cultural que lhe é familiar, para um contexto considerado mais distante, buscando, na medida do possível,

divulgar sua cultura e, no caso, sua obra. O texto também traz elementos para uma reflexão acerca da pertinência de investigações do estilo individual do tradutor literário, realizadas sob a óptica do tradutor em vez da verificação de o estilo do autor ter sido adequadamente ou não transposto na tradução.

Sérgio Vicente Motta

Susanna Busato

Organizadores